

## Referências bibliográficas

ANCONA, Giovanni. **Escatologia Cristã**. São Paulo, Edições Loyola, 2013.

BARCELLOS, J. C. **Literatura e teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo**. In: NUMEN – REVISTA DE ESTUDOS E PESQUISA DA RELIGIÃO. Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 9-30.

BARCELLOS, José Carlos. **O drama da salvação: espaço autobiográfico e experiência cristã em Julien Green**. Juiz de Fora, Editora Subiaco, 2008. BÍBLIA SAGRADA.

BINGEMER, M. C., LEFEBVRE S., BORGMAN E., e BABIĆ, M. (Editores). REVISTA CONCILIUM Nº 373. Madrid, Editorial Verbo Divino, Novembro/2017. <http://www.verbodivino.es/hojear/4699/teologia-y-literatura.pdf>

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Teologia e literatura: afinidades e segredos compartilhados**. Petrópolis-RJ, Vozes, Rio de Janeiro, Ed. PUC, 2015.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Transcendência e corporeidade: a experiência de deus segundo Adélia Prado**. In: GROGOATÁ. REVISTA DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DO INSTITUTO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Niterói, nº 14, 1º semestre/2003, p. 89-107.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **El Sufrimiento de Dios em algunas teologias contemporâneas**. In: REVISTA CONCILIUM nº 366, 2016/3, Estella-Navarra-España, Editorial Verbo Divino, pp. 87 [431] - 97 [441].

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **A fé cristã na contemporaneidade: rumos e desafios**. In: PERSPECTIVA TEOLÓGICA 41, 2009, pp. 345-374.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **INICIAÇÃO E PAIXÃO. a tensão dialética entre Eros e Agape em dois romances de Clarice Lispector**. In: TEOLITERÁRIA V. 2 - N. 4 – 2012, pp. 144-178.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis vozes, 2003.

BOFF, Leonardo. “Sofrimento” in: SAMANES, Casiano Foristán & ACOSTA, Juan-Mayo (Dir.). **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo**. São Paulo, Paulus, 1999, pp. 786-792.

BRUGUÈS, Jean-Louis. “Morte”. In: LACOSTE, Jean-Yves (Dir.) **Dicionário crítico de teologia**. Co-edição: São Paulo, Paulinas Loyola, 2004, pp. 1195-1201.

CANDIDO, Antonio. **Vinicius de Moraes**. In: FERRAZ, Eucanaã (Org.). VINICIUS DE MORAES. POESIA COMPLETA E PROSA. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 2004, pp. 120-122.

CANTARELA, Antonio Geraldo. **A pesquisa em teopoética no Brasil: pesquisadores e produção bibliográfica**. In: HORIZONTE, Belo Horizonte, v. 12, n. 36, p. 1228-1251, out./dez. 2014.

CAPPELLI, Marcio. **A teologia às avessas de José Saramago em Caim**. In: TEOLITERÁRIA V. 5 - N. 9 – 2015, pp. 78-104.

CASTELLO, José. **Vinicius de Moraes. O poeta da paixão: uma biografia**. São Paulo: Companhia das letras. 1994.

CHENU, Marie-Dominique. **La littérature comme ‘lieu’ de la théologie**. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, Tome LIII, nº1, Janvier, 1969, pp. 70-80.

CINTRA, Antônio Octavio. **As comissões de verdade e reconciliação: o caso da África do Sul**. Brasília, Câmara do Deputados, 2001.

CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da. **Fuga da promessa e nostalgia do divino: a antropologia de Dom Casmurro de Machado de Assis como tema no diálogo entre teologia e literatura**. Rio de Janeiro, Horizontal, 2004.

FERREIRA, David Mourão. **O amor na poesia de Vinicius de Moraes**. In: FERRAZ, Eucanaã (Org.). VINICIUS DE MORAES. POESIA COMPLETA E PROSA. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 2004, pp. 100-120.

DINIZ, Thais Flores Nogueira. **O Mito como tradução, em Vinicius de Moraes**. In: INTERCÂMBIO – CADERNOS DE PESQUISA DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS ICHS - UFOP MARIANA. Vol. 1 — nº 3 — pp. 31-36, 1997.

DUPLOYÉ, Pie, O. P. **La religion de Péguy**. Paris, Klincksieck, 1965.

DUQUOC, Christian. **Cruz de Cristo e sofrimento humano**. In: REVISTA CONCILIUM nº 119: Espiritualidade – Petrópolis, Vozes, 1976/9, pp. 77 [1053]-85 [1061].

FARIA, Otávio. **A transfiguração da montanha**. In: FERRAZ, Eucanaã (Org.). VINICIUS DE MORAES. POESIA COMPLETA E PROSA. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 2004, p. 73-81.

FERRAZ, Eucanaã (Org.). **Vinicius de Moraes**. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 2004.

FLORISTÁN, Casiano. **Sufrimento e fé cristã**. In: REVISTA CONCILIUM nº 119: Espiritualidade – Petrópolis, Vozes, 1976/9, p. 3[979]-5[981].

FRANCISO, **Laudato Si**. Sobre o cuidado da casa comum. Publicado em Roma, no dia 24 de Maio de 2015.

GONZÁLEZ-FAUS, José. **Jesus: figura do homem sofredor**. In: REVISTA CONCILIUM nº 119: Espiritualidade – Petrópolis, Vozes, 1976/9, p. 66[1042]-76[1052].

GRESHAKE, Gisbert. **Pesquisa sobre uma teologia da morte**. In: REVISTA CONCILIUM nº 94. Petrópolis, Vozes, 1974/4: Teologia Prática, pp. 492-506.

HOFMEIER, Johann. **A experiência hodierna da morte**. In: REVISTA CONCILIUM nº 94. Petrópolis, Vozes, 1974/4: Teologia Prática, pp. 432-441.

JOSSUA, Jean Pierre. **Pour une histoire religieuse de l'expérience littéraire**. Paris, Beauchesne Editeur, 1985.

JÜNGEL, Eberhard. **Morte**. 3ª edição revista. São Leopoldo, Sinodal/EST, 2010.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **A morte como evento humano-psicológico**. In: REVISTA CONCILIUM nº 94. Petrópolis, Vozes, 1974/4: Teologia Prática, pp. 466-470.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sufrimento comercializado vs. Sofrimento oculto**. In: Revista Concilium – Sofrimento e Fé Cristã, nº 119 – 1976/9, pp. 26 [1002]-35[1011].

KUSCHEL, Karl-Joseh. **Os escritores e as escrituras**. Retratos teológico-literários. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

LATOURELLE, René. “Morte” in: LATOURELLE, René & FISICHELLA, Rino (Dir.) **Dicionário de teologia fundamental**. Co-edição: Petrópolis:RJ, Vozes e Aparecida:SP, Santuário, 1994, pp. 671-674.

LEPARGNEUR, Hubert. **A função crítica da Igreja em face da morte imposta pela sociedade**. In: REVISTA CONCILIUM nº 94. Petrópolis, Vozes, 1974/4: Teologia Prática, pp. 507-516.

LIBÂNIO, João Batista; BINGMER, Maria C. L. **Escatologia Cristã**. A libertação na história. Petrópolis, Vozes, 1985.

MAGALHÃES, Antonio. **Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo**. São Paulo, Paulinas, 2000.

MANZATTO, Antonio. **Teologia e literatura**. Reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo, Loyola, 1994.

MAYOR, Ana Lucia Soutto. **Vinícius de Moraes e a reinvenção da lira: itinerários de Orfeu**. In: FERRAZ, Eucanaã (Org. e Editor) **CADERNO DE LEITURAS: VINÍCIUS DE MORAES. ORIENTAÇÃO PARA O TRABALHO EM SALA DE AULA**. São Paulo, Companhia das Letras, S/D, p. 26-41.

McDERMOTT, John M. “Sofrimento”. In: LATOURELLE, René & FISICHELLA, Rino (Dir.) **Dicionário de teologia fundamental**. Petrópolis, Vozes e Aparecida, Santuário, 1994, p. 911.

MICHELETTI, Guaraciaba. **A poesia, o mar e a mulher: um só Vinícius**. São Paulo, Editora Escuta, 1994.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Vinícius de Moraes**. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios. São Paulo, Abril Educação, 1980.

MOLTMANN, Jürgen. **A vinda de Deus**. Escatologia Cristã. São Leopoldo, Editora Unisinos, 2003.

MOLTMANN, Jürgen. **No fim, o início** – breve tratado sobre a esperança. São Paulo, Loyola, 2007.

MOREIRA, Alberto da Silva. **La manipulacion del sufrimiento ajeno**. In: REVISTA CONCILIUM nº 366, 2016/3, Estella-Navarra-España, Editorial Verbo Divino, pp. 393-404.

NUCCI, Guilherme de Souza. **Código Penal Comentado: estudo integrado com processo e execução penal: apresentação esquemática da**

matéria: jurisprudência atualizada. 14. ed. rev., atual. e ampl. – Rio de Janeiro: Forense, 2014.

PAULA, Blanches de. **Pedaços de nós: luto, aconselhamento pastoral e esperança.** São Paulo, ASTE, Editeo – Editora da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, 2011.

PESSINI, Leo. **Eutanásia.** Porque abreviar a vida? São Paulo, edições Loyola, Editora do Centro universitário São Camilo, 2004.

RIBEIRO, Claudio Oliveira. **O que um cristão precisa saber sobre a teologia da prosperidade.** In: REVISTA CAMINHANDO v. 12, n. 19, p. 129-140, jan–jun 2006.

RIBEIRO, Claudio Oliveira; FONSECA, Hugo. (Orgs.) **Literaturas e teologias 2: aproximações entre religião, teologia e literatura.** São Paulo, Fonte Editorial, 2013.

ROCHA, Alessandro; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda. (Orgs.) **Literaturas e teologias – considerações metodológicas.** São Paulo, Fonte Editorial, 2011.

SCHARBERT, J. “Sofrimento”. In: FRIES, Heinrich (Dir.). **Dicionário de Teologia: conceitos fundamentais da teologia atual.** São Paulo, Loyola, 1971, volume V, pp. 259-268.

SILVA, Rosana Rodrigues da. **A poesia religiosa de Vinícius de Moraes: a gênese de uma poética.** In: TERRA ROXA E OUTRAS TERRAS. REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS. Volume 5 (2005). 87-103. <http://www.uel.br/cch/pos/letras/terraroxa>

SILVEIRA, Marcelo. **O discurso da teologia da prosperidade em igrejas evangélicas pentecostais.** Estudo da retórica e da argumentação no culto religioso. Tese de doutorado. São Paulo, USP, 2007.

TORNOS, Andrés. “Morte”. In: SAMANES, Casiano Foristán & ACOSTA, Juan-Mayo (Dir.). **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo.** São Paulo, Paulus, 1999, pp. 501-507.

TORRES, Cleber D. **A dimensão religiosa da cultura na Poesia de Vinícius de Moraes.** São Paulo, Fonte Editorial, 2014,

TRACY, David. **A imaginação analógica.** A teologia cristã e a cultura do pluralismo. São Leopoldo, Editora Unisinos, 2006. Coleção Theologia Publica 7.

TRACY, David. **Las numerosas formas del sufrimiento.** In: REVISTA CONCILIUM nº 366, 2016/3, Estella-Navarra-España, Editorial Verbo Divino, pp. 369-378.

VILLAS BOAS, Alex. **Teologia em diálogo com a literatura.** Origem e tarefa poética da teologia. São Paulo, Paulus, 2016.

VILLAS BOAS, Alex. **A proposta de uma Teopatodiceia como pensamento poético-teológico** In: CIBERTEOLOGIA - REVISTA DE TEOLOGIA & CULTURA - Ano VII, n. 36.

VILLAS BOAS, Alex. **A ideia de poiésis na Teologia Cristã.** *Teoliterária* V. 2 - N. 4 – 2012, pp. 264-290.

VVAA. REVISTA CONCILIUM – Revista Internacional de Teologia 94. Petrópolis, Vozes, 1974/4: Teologia Prática.

VVAA. REVISTA CONCILIUM nº 119: Espiritualidade – Petrópolis, Vozes, 1976/9.

VVAA. REVISTA CONCILIUM nº 366. Estella-Navarra-España, Editorial Verbo Divino 2016/3.

VVAA. REVISTA CONCILIUM 373. Teología y literatura. Estella-Navarra-España, Editorial Verbo Divino 2017.

WESTERMANN, Claus. **O clamor dos oprimidos.** In: REVISTA CONCILIUM nº 119: Espiritualidade – Petrópolis, Vozes, 1976/9, pp. 55 [1031]-65 [1041].

## Sites

<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/teatro/pecas/orfeu-da-conceicao>

[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160408\\_papa\\_francisco\\_reformas](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160408_papa_francisco_reformas) - acesso em 28/10/2017, às 17:30h.

[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160408\\_papa\\_francisco\\_reformas](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160408_papa_francisco_reformas) - acesso em 28/10/2017, às 17:45h.

<http://www.mpf.mp.br/para-o-cidadao/caso-lava-jato/entenda-o-caso>

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-06/taxa-de-desempregono-pais-se-mantem-em-133-diz-ibge>

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/11/1836979-na-madrugada-camarafulmina-pacote-anticorruptao-do-ministerio-publico.shtml>

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/05/1776150-mulher-e-presaporsuspeita-de-racismo-no-rio-de-janeiro.shtml>

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-norio-conta-que-acordou-dopada-e-nua.html>

[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=30253,2015](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253,2015)

<http://www.verbodivino.es/hojear/4699/teologia-y-literatura.pdf>

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/11/1701372-mulheres-tem-partesdo-corpo-mutiladas-por-ex-companheiros.shtml>.

<https://noticias.r7.com/sp-no-ar/videos/duas-mulheres-sao-mortas-por-excompanheiros-no-mesmo-dia-na-grande-sp-17102015>

<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/rj-tem-cinco-casos-de-mulheresassassinadas-por-companheiros-em-uma-semana-25042015>

<http://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,em-3-dias-4-mulheres-saomortas-pelos-companheiros-no-rio,1673530>

<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/quatro-mulheres-sao-mortas-em-sp-peloscompanheiros-em-dois-dias.ghtml>

<https://g1.globo.com/bahia/noticia/tres-mulheres-sao-assassinadas-no-fim-desemana-no-interior-na-bahia.ghtml>

<https://www.geledes.org.br/40-das-vitimas-de-violencia-contramulher-saovangelicas/>

<https://noticias.gospelprime.com.br/40-mulheres-vitimas-violencia-domesticacristas/>

<https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/entre-a-igreja-e-a-delegaciамulheres-vitimas-da-violencia-domestica.html>  
<http://www.luteranos.com.br/noticias/ecumene/contra-a-violencia-as-mulheres-econtra-a-cultura-do-estupro-que-culpabiliza-as-vitimas>  
[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/missao-mulheres/as-igrejasdizem-nao-a-violencia-contra-a-mulher](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/as-igrejasdizem-nao-a-violencia-contra-a-mulher)  
[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/missao-mulheres/politica-dejustica-de-genero-federacao-luterana-mundial](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/politica-dejustica-de-genero-federacao-luterana-mundial)  
<http://portal.metodista.br/fateo/noticias/teologos-as-e-liderancas-religiosasassinam-documento-em-favor-de-lei-que-garante-atendimento-a-vitimas-deviolencia-sexual>  
<http://blogueirasfeministas.com/2013/07/a-verdade-sobre-o-plc-032013-sancionatudo-dilma/>  
<http://www.ebc.com.br/noticias/politica/2013/08/dilma-sanciona-sem-vetos-lei-que-garante-atendimento-a-vitimas-de>  
<http://www.ebc.com.br/noticias/saude/2013/08/diario-oficial-publica-lei-sobreatendimento-as-vitimas-de-violencia-sexual>  
<http://catolicas.org.br/novidades/editoriais/nota-feministas-pl5069/>  
<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-10/rede-de-entidades-de-apoio-e-fundamental-para-combater-violencia>  
<https://por-leitores.jusbrasil.com.br/noticias/100040451/protecao-da-mulhervitima-de-violencia-domestica>  
<https://jus.com.br/artigos/29685/um-estudo-da-comissao-de-verdade-e-reconciliacao-na-africa-do-sul/1>  
<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/02/caso-amarildo-juiza-condena-13-dos-25-policiais-militares-acusados.html>  
<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/casoamarildo/caso-amarildo-a-historia.htm>  
<http://www.portalfiel.com.br/artigo.php?id=40-ascensao-pentecostal-da-teologiadaprospereidade.html>  
[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/08/opinion/1460137773\\_409508.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/08/opinion/1460137773_409508.html)  
[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160408\\_papa\\_francisco\\_reformas](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160408_papa_francisco_reformas)

<https://globoplay.globo.com/v/6279612/>  
<https://globoplay.globo.com/v/6268620/>  
[http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2017/01/rebeliao-no-compaj-  
chega-aofim-com-mais-de-50-mortes-diz-ssp-am.html](http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2017/01/rebeliao-no-compaj-<br/>chega-aofim-com-mais-de-50-mortes-diz-ssp-am.html)  
[http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2017/01/mais-de-30-presos-sao-  
mortos-napenitenciaria-de-roraima-diz-sejuc.html](http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2017/01/mais-de-30-presos-sao-<br/>mortos-napenitenciaria-de-roraima-diz-sejuc.html)  
[https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/03/04/apos-  
aumentode-80-em-latrocinios-rj-ja-teve-seis-mortos-em-uber-em-2017.htm](https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/03/04/apos-<br/>aumentode-80-em-latrocinios-rj-ja-teve-seis-mortos-em-uber-em-2017.htm)  
[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article  
&id=30253](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article<br/>&id=30253)  
[http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/08/depois-dos-  
estaduaishospitais-federais-estao-em-crise-no-rio.html](http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/08/depois-dos-<br/>estaduaishospitais-federais-estao-em-crise-no-rio.html)  
[https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-  
noticias/redacao/2017/07/05/falta-demedicos-e-de-cirurgias-rio-vive-caos-  
e-incertezas-em-hospitais.htm](https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-<br/>noticias/redacao/2017/07/05/falta-demedicos-e-de-cirurgias-rio-vive-caos-<br/>e-incertezas-em-hospitais.htm)  
<http://www.redeapi.org.br/home>  
<http://www.grupocasulo.org/>  
<http://vamosfalarsobreoluto.com.br/>

## Anexo I

### Poemas de Vinícius de Moraes usados nesta tese.

#### **Purificação**

Senhor, logo que eu vi a natureza  
As lágrimas secaram.  
Os meus olhos pousados na contemplação  
Viveram o milagre de luz que explodia no céu.

Eu caminhei, Senhor.  
Com as mãos espalmadas eu caminhei para a massa de seiva  
Eu, Senhor, pobre massa sem seiva  
Eu caminhei.  
Nem senti a derrota tremenda  
Do que era mau em mim.  
A luz cresceu, cresceu interiormente  
E toda me envolveu.

A ti, Senhor, gritei que estava puro  
E na natureza ouvi a tua voz.  
Pássaros cantaram no céu  
Eu olhei para o céu e cantei e cantei.  
Senti a alegria da vida  
Que vivia nas flores pequenas  
Senti a beleza da vida  
Que morava na luz e morava no céu  
E cantei e cantei.

A minha voz subiu até ti, Senhor  
E tu me deste a paz.  
Eu te peço, Senhor  
Guarda meu coração no teu coração  
Que ele é puro e simples.  
Guarda a minha alma na tua alma  
Que ela é bela, Senhor.  
Guarda o meu espírito no teu espírito  
Porque ele é a minha luz.  
E porque só a ti ele exalta e ama.

#### **O poeta**

A vida do poeta tem um ritmo diferente  
É um contínuo de dor angustiante.  
O poeta é o destinado do sofrimento  
Do sofrimento que lhe clareia a visão de beleza  
E a sua alma é uma parcela do infinito distante  
O infinito que ninguém sonda e ninguém compreende.

Ele é o eterno errante dos caminhos  
Que vai, pisando a terra e olhando o céu

Preso pelos extremos intangíveis  
 Clareando como um raio de sol a paisagem da vida.  
 O poeta tem o coração claro das aves  
 E a sensibilidade das crianças.  
 O poeta chora.  
 Chora de manso, com lágrimas doces, com lágrimas tristes  
 Olhando o espaço imenso da sua alma.  
 O poeta sorri.  
 Sorri à vida e à beleza e à amizade  
 Sorri com a sua mocidade a todas as mulheres que passam.  
 O poeta é bom.  
 Ele ama as mulheres castas e as mulheres impuras  
 Sua alma as compreende na luz e na lama  
 Ele é cheio de amor para as coisas da vida  
 E é cheio de respeito para as coisas da morte.  
 O poeta não teme a morte.  
 Seu espírito penetra a sua visão silenciosa  
 E a sua alma de artista possui-a cheia de um novo mistério.  
 A sua poesia é a razão da sua existência  
 Ela o faz puro e grande e nobre  
 E o consola da dor e o consola da angústia.

A vida do poeta tem um ritmo diferente  
 Ela o conduz errante pelos caminhos, pisando a terra e olhando o céu  
 Preso, eternamente preso pelos extremos intangíveis.

### **O vale do paraíso**

Quando vier de novo o céu de maio largando estrelas  
 Eu irei, lá onde os pinheiros recendem nas manhãs úmidas  
 Lá onde a aragem não desdenha a pequenina flor das encostas  
 Será como sempre, na estrada vermelha a grande pedra recolherá sol  
 E os pequeninos insetos irão e virão, e longe um cão ladrará  
 E nos tufos dos arbustos haverá enredados de orvalho nas teias de aranha.  
 As montanhas, vejo-as iluminadas, ardendo no grande sol amarelo  
 As vertentes algodoadas de neblina, lembro-as suspendendo árvores nas nuvens  
 As matas, sinto-as ainda vibrando na comunhão das sensações  
 Como uma epiderme verde, porejada.  
 Na eminência a casa estará rindo no lampejar dos vidros das suas mil janelas  
 A sineta tocará matinas e a presença de Deus não permitirá a Ave-Maria  
 Apenas a poesia estará nas ramadas que entram pela porta  
 E a água estará fria e todos correrão pela grama  
 E o pão estará fresco e os olhos estarão satisfeitos.  
 Eu irei, será como sempre, nunca o silêncio sem remédio das insônias  
 O vento cantará nas frinchas e os grilos trilarão folhas secas  
 E haverá coxos distantes a cada instante  
 Depois as grandes chuvas encharcando o barro e esmagando a erva  
 E batendo nas latas vagas monotonias de cidade.

Eu me recolherei um minuto e escreverei: - “Onde estará a volúpia?...”  
 E as borboletas se fecundando não me responderão.

Será como sempre, será a altura, será a proximidade da suprema inexistência  
Lá onde à noite o frio imobiliza a luz cadente das estrelas  
Lá onde eu irei.

### **A rosa de Hiroxima**

Pensem nas crianças  
Mudas telepáticas  
Pensem nas meninas  
Cegas inexatas  
Pensem nas mulheres  
Rotas alteradas  
Pensem nas feridas  
Como rosas cálidas  
Mas oh não se esqueçam  
Da rosa da rosa  
Da rosa de Hiroxima  
A rosa hereditária  
A rosa radioativa  
Estúpida e inválida  
A rosa com cirrose  
A antirrosa atômica  
Sem cor sem perfume  
Sem rosa sem nada.

### **Balada dos mortos dos campos de concentração**

Cadáveres de Nordhausen Erla, Belsen e Buchenwald!  
Ocos, flácidos cadáveres  
Como espantalhos, largados  
Na sementeira espectral  
Dos ermos campos estéreis  
De Buchenwald e Dachau.  
Cadáveres necrosados  
Amontoados no chão  
Esquálidos enlaçados  
Em beijos estupefatos  
Como ascetas siderados  
Em presença da visão.  
Cadáveres putrefatos  
Os magros braços em cruz  
Em vossas faces hediondas  
Há sorrisos de giocondas  
E em vossos corpos, a luz  
Que da treva cria a aurora.  
Cadáveres fluorescentes  
Desenraizados do pó  
Que emoção não dá-me o ver-vos  
Em vosso êxtase sem nervos  
Em vossa prece tão-só  
Grandes, góticos cadáveres!

Ah, doces mortos atônitos  
 Quebrados a torniquete  
 Vossas louras manicuras  
 Arrancaram-vos as unhas  
 No requinte de tortura  
 Da última toailete...  
 A vós vos tiraram a casa  
 A vós vos tiraram o nome  
 Fostes marcados a brasa  
 Depois voz mataram de fome!  
 Vossa peles afrouxadas  
 Sobre os esqueletos dão-me  
 A impressão que éreis tambores —  
 Os instrumentos do Monstro —  
 Desfibrados a pancada:  
 Ó mortos de percussão!  
 Cadáveres de Nordhausen Erla, Belsen e Buchenwald!  
 Vós sois o húmus da terra  
 De onde a árvore do castigo  
 Dará madeira ao patíbulo  
 E de onde os frutos da paz  
 Tombarão no chão da guerra!

### **A bomba atômica I**

*e = mc<sup>2</sup>*

Einstein

*Deusa, visão dos céus que me domina*

*... tu que és mulher e nada mais!*

(Deusa, valsa carioca.)

Dos céus descendo  
 Meu Deus eu vejo  
 De paraquedas?  
 Uma coisa branca  
 Como uma forma  
 De estatuária  
 Talvez a forma  
 Do homem primitivo  
 A costela branca!  
 Talvez um seio  
 Despregado à lua  
 Talvez o anjo  
 Tutelar cadente  
 Talvez a Vênus  
 Nua, de clâmide  
 Talvez a inversa  
 Branca pirâmide  
 Do pensamento

Talvez o troço  
 De uma coluna  
 Da eternidade  
 Apaixonado  
 Não sei indago  
 Dizem-me todos  
 É A BOMBA ATÔMICA.

Vem-me uma angústia.

Quisera tanto  
 Por um momento  
 Tê-la em meus braços  
 A coma ao vento  
 Descendo nua  
 Pelos espaços  
 Descendo branca  
 Branca e serena  
 Como um espasmo  
 Fria e corrupta  
 Do longo sêmen  
 Da Via Láctea  
 Deusa impoluta  
 O sexo abrupto  
 Cubo de prata  
 Mulher ao cubo  
 Caindo aos súcubos  
 Intemerata  
 Carne tão rija  
 De hormônios vivos  
 Exacerbada  
 Que o simples toque  
 Pode rompê-la  
 Em cada átomo  
 Numa explosão  
 Milhões de vezes  
 Maior que a força  
 Contida no ato  
 Ou que a energia  
 Que expulsa o feto  
 Na hora do parto.

II

A bomba atômica é triste  
 Coisa mais triste não há  
 Quando cai, cai sem vontade  
 Vem caindo devagar  
 Tão devagar vem caindo  
 Que dá tempo a um passarinho

De pousar nela e voar...  
Coitada da bomba atômica  
Que não gosta de matar!

Coitada da bomba atômica  
Que não gosta de matar  
Mas que ao matar mata tudo  
Animal e vegetal  
Que mata a vida da terra  
E mata a vida do ar  
Mas que também mata a guerra...  
Bomba atômica que aterra!  
Pomba atônita da paz!

Pomba tonta, bomba atômica  
Tristeza, consolação  
Flor puríssima do urânio  
Desabrochada no chão  
Da cor pálida do hélio  
E odor de radium fatal  
Laelia mineral carnívora  
Radiosa rosa radical.

Nunca mais, oh bomba atômica  
Nunca, em tempo algum, jamais  
Seja preciso que mates  
Onde houve morte demais:  
Fique apenas tua imagem  
Aterradora miragem  
Sobre as grandes catedrais:  
Guarda de uma nova era  
Arcanjo insigne da paz!

### III

Bomba atômica, eu te amo! és pequenina  
E branca como a estrela vespertina  
E por branca eu te amo, e por donzela  
De dois milhões mais bélica e mais bela  
Que a donzela de Orleans; eu te amo, deusa  
Atroz, visão dos céus que me domina  
Da cabeleira loura de platina  
E das formas aerodivinais  
— Que és mulher, que és mulher e nada mais!  
Eu te amo, bomba atômica, que trazes  
Numa dança de fogo, envolta em gazes  
A desagregação tremenda que espedaça  
A matéria em energias materiais!  
Oh energia, eu te amo, igual à massa  
Pelo quadrado da velocidade

Da luz! alta e violenta potestade  
 Serena! Meu amor, desce do espaço  
 Vem dormir, vem dormir no meu regaço  
 Para te proteger eu me encouroço  
 De canções e de estrofes magistras!  
 Para te defender, levanto o braço  
 Paro as radiações espaciais  
 Uno-me aos líderes e aos bardos, uno-me  
 Ao povo, ao mar e ao céu brado o teu nome  
 Para te defender, matéria dura  
 Que és mais linda, mais límpida e mais pura  
 Que a estrela matutina! Oh bomba atômica  
 Que emoção não me dá ver-te suspensa  
 Sobre a massa que vive e se condensa  
 Sob a luz! Anjo meu, fora preciso  
 Matar, com tua graça e teu sorriso  
 Para vencer? Tua enérgica poesia  
 Fora preciso, oh deslembada e fria  
 Para a paz? Tua fragílissima epiderme  
 Em cromáticas brancas de cristais  
 Rompendo? Oh átomo, oh neutrônio, oh germe  
 Da união que liberta da miséria!  
 Oh vida palpitando na matéria  
 Oh energia que és o que não eras  
 Quando o primeiro átomo incriado  
 Fecundou o silêncio das Esferas:  
 Um olhar de perdão para o passado  
 Uma anunciação de primaveras!

### **O incriado**

Distantes estão os caminhos que vão para o Tempo — outro luar eu vi passar na altura  
 Nas plagas verdes as mesmas lamentações escuto como vindas da eterna espera  
 O vento ríspido agita sombras de araucárias em corpos nus unidos se amando  
 E no meu ser todas as agitações se anulam como as vozes dos campos moribundos.

Oh, de que serve ao amante o amor que não germinará na terra infecunda  
 De que serve ao poeta desabrochar sobre o pântano e cantar prisioneiro?  
 Nada há a fazer pois que estão brotando crianças trágicas como cactos  
 Da semente má que a carne enlouquecida deixou nas matas silenciosas.

Nem plácidas visões restam aos olhos — só o passado surge se a dor surge  
 E o passado é como o último morto que é preciso esquecer para ter vida  
 Todas as meias-noites soam e o leito está deserto do corpo estendido  
 Nas ruas noturnas a alma passeia, desolada e só em busca de Deus.

Eu sou como o velho barco que guarda no seu bojo o eterno ruído do mar batendo  
 No entanto como está longe o mar e como é dura a terra sob mim...  
 Felizes são os pássaros que chegam mais cedo que eu à suprema fraqueza

E que, voando, caem, pequenos e abençoados, nos parques onde a primavera é eterna.

Na memória cruel vinte anos seguem a vinte anos na única paisagem humana  
 Longe do homem os desertos continuam impassíveis diante da morte  
 Os trigais caminham para o lavrador e o suor para a terra  
 E dos velhos frutos caídos surgem árvores estranhamente calmas.

Ai, muito andei e em vão... rios enganosos conduziram meu corpo a todas as idades  
 Na terra primeira ninguém conhecia o Senhor das bem-aventuranças...  
 Quando meu corpo precisou repousar eu repousei, quando minha boca ficou sedenta eu bebi  
 Quando meu ser perdeu a carne eu dei-lhe a carne mas eu me senti mendigo.

Longe está o espaço onde existem os grandes voos e onde a música vibra solta  
 A cidade deserta é o espaço onde o poeta sonha os grandes voos solitários  
 Mas quando o desespero vem e o poeta se sente morto para a noite  
 As entranhas das mulheres afogam o poeta e o entregam dormindo à madrugada.

Terrível é a dor que lança o poeta prisioneiro à suprema miséria  
 Terrível é o sono atormentado do homem que suou sacrilegamente a carne  
 Mas boa é a companheira errante que traz o esquecimento de um minuto  
 Boa é a esquecida que dá o lábio morto ao beijo desesperado.

Onde os cantos longínquos do oceano?... Sobre a espessura verde eu me debruço e busco o infinito  
 Ao léu das ondas há cabeleiras abertas como flores — são jovens que o eterno amor surpreendeu  
 Nos bosques procuro a seiva úmida mas os troncos estão morrendo  
 No chão vejo magros corpos enlaçados de onde a poesia fugiu como o perfume da flor morta.

Muito forte sou para odiar nada senão a vida  
 Muito fraco sou para amar nada mais do que a vida  
 A gratuidade está no meu coração e a nostalgia dos dias me aniquila  
 Porque eu nada serei como ódio e como amor se eu nada conto e nada valho.

Eu sou o Incriado de Deus, o que não teve a sua alma e semelhança  
 Eu sou o que surgiu da terra e a quem não coube outra dor senão a terra  
 Eu sou a carne louca que freme ante a adolescência impúbere e explode sobre a imagem criada  
 Eu sou o demônio do bem e o destinado do mal mas eu nada sou.

De nada vale ao homem a pura compreensão de todas as coisas  
 Se ele tem algemas que o impedem de levantar os braços para o alto  
 De nada valem ao homem os bons sentimentos se ele descansa nos sentimentos maus  
 No teu puríssimo regaço eu nunca estarei, Senhora...

Choram as árvores na espantosa noite, curvadas sobre mim, me olhando...  
 Eu caminhando... Sobre o meu corpo as árvores passando...  
 Quem morreu se estou vivo, por que choram as árvores?  
 Dentro de mim tudo está imóvel, mas eu estou vivo, eu sei que estou vivo porque  
 sofro.

Se alguém não devia sofrer eu não devia, mas sofro e é tudo o mesmo  
 Eu tenho o desvelo e a bênção, mas sofro como um desesperado e nada posso  
 Sofro a pureza impossível, sofro o amor pequenino dos olhos e das mãos  
 Sofro porque a náusea dos seios gastos está amargurando a minha boca.

Não quero a esposa que eu violaria nem o filho que ergueria a mão sobre o meu  
 rosto  
 Nada quero porque eu deixo traços de lágrimas por onde passo  
 Quisera apenas que todos me desprezassem pela minha fraqueza  
 Mas, pelo amor de Deus, não me deixeis nunca sozinho!

Às vezes por um segundo a alma acorda para um grande êxtase sereno  
 Num sopro de suspensão a beleza passa e beija a fronte do homem parado  
 E então o poeta surge e do seu peito se ouve uma voz maravilhosa,  
 Que palpita no ar fremente e envolve todos os gritos num só grito.

Mas depois, quando o poeta foge e o homem volta como de um sonho  
 E sente sobre a sua boca um riso que ele desconhece  
 A cólera penetra em seu coração e ele renega a poesia  
 Que veio trazer de volta o princípio de todo o caminho percorrido.

Todos os momentos estão passando e todos os momentos estão sendo vividos  
 A essência das rosas invade o peito do homem e ele se apazigua no perfume  
 Mas se um pinheiro uiva no vento o coração do homem cerra-se de inquietude  
 No entanto ele dormirá ao lado dos pinheiros uivando e das rosas recendendo.

Eu sou o Incriado de Deus, o que não pode fugir à carne e à memória  
 Eu sou como velho barco longe do mar, cheio de lamentações no vazio do bojo  
 No meu ser todas as agitações se anulam — nada permanece para a vida  
 Só eu permaneço parado dentro do tempo passando, passando, passando...

### **O operário em construção**

E o Diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos  
 os reinos do mundo. E disse-lhe o Diabo:

- Dar-te-ei todo este poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue e dou-o a  
 quem quero; portanto, se tu me adorares, tudo será teu.

E Jesus, respondendo, disse-lhe:

- Vai-te, Satanás; porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele  
 servirás.

Lucas, cap. V, vs. 5-8.

Era ele que erguia casas  
 Onde antes só havia chão.

Como um pássaro sem asas  
 Ele subia com as casas  
 Que lhe brotavam da mão.  
 Mas tudo desconhecia  
 De sua grande missão:  
 Não sabia, por exemplo  
 Que a casa de um homem é um templo  
 Um templo sem religião  
 Como tampouco sabia  
 Que a casa que ele fazia  
 Sendo a sua liberdade  
 Era a sua escravidão.

De fato, como podia  
 Um operário em construção  
 Compreender por que um tijolo  
 Valia mais do que um pão?  
 Tijolos ele empilhava  
 Com pá, cimento e esquadria  
 Quanto ao pão, ele o comia...  
 Mas fosse comer tijolo!  
 E assim o operário ia  
 Com suor e com cimento  
 Erguendo uma casa aqui  
 Adiante um apartamento  
 Além uma igreja, à frente  
 Um quartel e uma prisão:  
 Prisão de que sofreria  
 Não fosse, eventualmente  
 Um operário em construção.

Mas ele desconhecia  
 Esse fato extraordinário:  
 Que o operário faz a coisa  
 E a coisa faz o operário.  
 De forma que, certo dia  
 À mesa, ao cortar o pão  
 O operário foi tomado  
 De uma súbita emoção  
 Ao constatar assombrado  
 Que tudo naquela mesa  
 - Garrafa, prato, facão -  
 Era ele quem os fazia  
 Ele, um humilde operário,  
 Um operário em construção.  
 Olhou em torno: gamela  
 Banco, enxerga, caldeirão  
 Vidro, parede, janela  
 Casa, cidade, nação!  
 Tudo, tudo o que existia

Era ele quem o fazia  
 Ele, um humilde operário  
 Um operário que sabia  
 Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento  
 Não sabereis nunca o quanto  
 Aquele humilde operário  
 Soube naquele momento!  
 Naquela casa vazia  
 Que ele mesmo levantara  
 Um mundo novo nascia  
 De que sequer suspeitava.  
 O operário emocionado  
 Olhou sua própria mão  
 Sua rude mão de operário  
 De operário em construção  
 E olhando bem para ela  
 Teve um segundo a impressão  
 De que não havia no mundo  
 Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão  
 Desse instante solitário  
 Que, tal sua construção  
 Cresceu também o operário.  
 Cresceu em alto e profundo  
 Em largo e no coração  
 E como tudo que cresce  
 Ele não cresceu em vão  
 Pois além do que sabia  
 - Exercer a profissão -  
 O operário adquiriu  
 Uma nova dimensão:  
 A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu  
 Que a todos admirava:  
 O que o operário dizia  
 Outro operário escutava.

E foi assim que o operário  
 Do edifício em construção  
 Que sempre dizia sim  
 Começou a dizer não.  
 E aprendeu a notar coisas  
 A que não dava atenção:

Notou que sua marmitta  
 Era o prato do patrão

Que sua cerveja preta  
Era o uísque do patrão  
Que seu macacão de zuarte  
Era o terno do patrão  
Que o casebre onde morava  
Era a mansão do patrão  
Que seus dois pés andarilhos  
Eram as rodas do patrão  
Que a dureza do seu dia  
Era a noite do patrão  
Que sua imensa fadiga  
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!  
E o operário fez-se forte  
Na sua resolução.

Como era de se esperar  
As bocas da delação  
Começaram a dizer coisas  
Aos ouvidos do patrão.  
Mas o patrão não queria  
Nenhuma preocupação  
- "Convençam-no" do contrário -  
Disse ele sobre o operário  
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário  
Ao sair da construção  
Viu-se súbito cercado  
Dos homens da delação  
E sofreu, por destinado  
Sua primeira agressão.  
Teve seu rosto cuspidado  
Teve seu braço quebrado  
Mas quando foi perguntado  
O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário  
Sua primeira agressão  
Muitas outras se seguiram  
Muitas outras seguirão.  
Porém, por imprescindível  
Ao edifício em construção  
Seu trabalho prosseguia  
E todo o seu sofrimento  
Misturava-se ao cimento  
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência

Não dobraria o operário  
 Um dia tentou o patrão  
 Dobrá-lo de modo vário.  
 De sorte que o foi levando  
 Ao alto da construção  
 E num momento de tempo  
 Mostrou-lhe toda a região  
 E apontando-a ao operário  
 Fez-lhe esta declaração:  
 - Dar-te-ei todo esse poder  
 E a sua satisfação  
 Porque a mim me foi entregue  
 E dou-o a quem bem quiser.  
 Dou-te tempo de lazer  
 Dou-te tempo de mulher.  
 Portanto, tudo o que vês  
 Será teu se me adorares  
 E, ainda mais, se abandonares  
 O que te faz dizer não.

Disse, e fitou o operário  
 Que olhava e que refletia  
 Mas o que via o operário  
 O patrão nunca veria.  
 O operário via as casas  
 E dentro das estruturas  
 Via coisas, objetos  
 Produtos, manufaturas.  
 Via tudo o que fazia  
 O lucro do seu patrão  
 E em cada coisa que via  
 Misteriosamente havia  
 A marca de sua mão.  
 E o operário disse: Não!

- Loucura! - gritou o patrão  
 Não vês o que te dou eu?  
 - Mentira! - disse o operário  
 Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fez-se  
 Dentro do seu coração  
 Um silêncio de martírios  
 Um silêncio de prisão.  
 Um silêncio povoado  
 De pedidos de perdão  
 Um silêncio apavorado  
 Com o medo em solidão.

Um silêncio de torturas

E gritos de maldição  
 Um silêncio de fraturas  
 A se arrastarem no chão.  
 E o operário ouviu a voz  
 De todos os seus irmãos  
 Os seus irmãos que morreram  
 Por outros que viverão.  
 Uma esperança sincera  
 Cresceu no seu coração  
 E dentro da tarde mansa  
 Agigantou-se a razão  
 De um homem pobre e esquecido  
 Razão porém que fizera  
 Em operário construído  
 O operário em construção.

### **Pátria minha**

A minha pátria é como se não fosse, é íntima  
 Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo  
 É minha pátria. Por isso, no exílio  
 Assistindo dormir meu filho  
 Choro de saudades de minha pátria.

Se me perguntarem o que é a minha pátria, direi:  
 Não sei. De fato, não sei  
 Como, por que e quando a minha pátria  
 Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água  
 Que elaboram e liquefazem a minha mágoa  
 Em longas lágrimas amargas.

Vontade de beijar os olhos de minha pátria  
 De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...  
 Vontade de mudar as cores do vestido (auriverde!) tão feias  
 De minha pátria, de minha pátria sem sapatos  
 E sem meias, pátria minha  
 Tão pobrinha!

Porque te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho  
 Pátria, eu semente que nasci do vento  
 Eu que não vou e não venho, eu que permaneço  
 Em contato com a dor do tempo, eu elemento  
 De ligação entre a ação e o pensamento  
 Eu fio invisível no espaço de todo adeus  
 Eu, o sem Deus!

Tenho-te no entanto em mim como um gemido  
 De flor; tenho-te como um amor morrido  
 A quem se jurou; tenho-te como uma fé  
 Sem dogma; tenho-te em tudo em que não me sinto a jeito  
 Nesta sala estrangeira com lareira

E sem pé-direito.

Ah, pátria minha, lembra-me uma noite no Maine, Nova Inglaterra  
 Quando tudo passou a ser infinito e nada terra  
 E eu vi alfa e beta de Centauro escalarem o monte até o céu  
 Muitos me surpreenderam parado no campo sem luz  
 À espera de ver surgir a Cruz do Sul  
 Que eu sabia, mas amanheceu...

Fonte de mel, bicho triste, pátria minha  
 Amada, idolatrada, salve, salve!  
 Que mais doce esperança acorrentada  
 O não poder dizer-te: aguarda...  
 Não tardo!

Quero rever-te, pátria minha, e para  
 Rever-te me esqueci de tudo  
 Fui cego, estropiado, surdo, mudo  
 Vi minha humilde morte cara a cara  
 Rasguei poemas, mulheres, horizontes  
 Fiquei simples, sem fontes.

Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta  
 Lábaro não; a minha pátria é desolação  
 De caminhos, a minha pátria é terra sedenta  
 E praia branca; a minha pátria é o grande rio secular  
 Que bebe nuvem, come terra  
 E urina mar.

Mais do que a mais garrida a minha pátria tem  
 Uma quentura, um querer bem, um bem  
 Um libertas quae sera tamen  
 Que um dia traduzi num exame escrito:  
 "Liberta que serás também"  
 E repito!

Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa  
 Que brinca em teus cabelos e te alisa  
 Pátria minha, e perfuma o teu chão...  
 Que vontade me vem de adormecer-me  
 Entre teus doces montes, pátria minha  
 Atento à fome em tuas entranhas  
 E ao batuque em teu coração.

Não te direi o nome, pátria minha  
 Teu nome é pátria amada, é patriazinha  
 Não rima com mãe gentil  
 Vives em mim como uma filha, que és  
 Uma ilha de ternura: a Ilha  
 Brasil, talvez.

Agora chamarei a amiga cotovia  
 E pedirei que peça ao rouxinol do dia  
 Que peça ao sabiá  
 Para levar-te presto este avigrama:  
 "Pátria minha, saudades de quem te ama...  
 Vinicius de Moraes."

### Três respostas em face de Deus

*Familles, je vous hais! foyers clos; portes refermées; possessions jalouses du bonheur.*

A. Gide

C'est l'ami ni ardent ni faible. L'ami.  
 Rimbaud

...ô Femme, monceau d'entrailles, pitié douce Tu n'est jamais la soeur de charité,  
 jamais  
 Rimbaud

Sim, vós sois... (eu deveria ajoelhar dizendo os vossos nomes!)  
 E sem vós quem se mataria no presságio de alguma madrugada?  
 À vossa mesa irei murcho para que o vosso vinho vá bebendo  
 De minha poesia farei música para que não mais vos firam os seus acentos  
 dolorosos  
 Livres as mãos e serei Tântalo — mas o suplício da sede vós o vereis apenas nos  
 meus olhos  
 Que adormeceram nas visões das auroras geladas onde o sol de sangue não  
 caminha...

E vós!... (Oh, o fervor de dizer os vossos nomes angustiados!)  
 Deixai correr o vosso sangue eterno sobre as minhas lágrimas de ouro!  
 Vós sois o espírito, a alma, a inteligência das coisas criadas  
 E a vós eu não rirei — rir é atormentar a tragédia interior que ama o silêncio  
 Convosco e contra vós eu vagarei em todos os desertos  
 E a mesma águia se alimentará das nossas entranhas tormentosas.

E vós, serenos anjos... (eu deveria morrer dizendo os vossos nomes!)  
 Vós cujos pequenos seios se iluminavam misteriosamente à minha presença  
 silenciosa!  
 Vossa lembrança é como a vida que não abandona o espírito no sono  
 Vós fostes para mim o grande encontro...  
 E vós também, ó árvores de desejo! Vós, a jetatura de Deus enlouquecido  
 Vós sereis o demônio em todas as idades.

### Dia da criação

I

Hoje é sábado, amanhã é domingo

A vida vem em ondas, como o mar  
 Os bondes andam em cima dos trilhos  
 E Nosso Senhor Jesus Cristo morreu na Cruz para nos salvar.

Hoje é sábado, amanhã é domingo  
 Não há nada como o tempo para passar  
 Foi muita bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo  
 Mas por via das dúvidas livrai-nos meu Deus de todo mal.

Hoje é sábado, amanhã é domingo  
 Amanhã não gosta de ver ninguém bem  
 Hoje é que é o dia do presente  
 O dia é sábado.

Impossível fugir a essa dura realidade  
 Neste momento todos os bares estão repletos de homens vazios  
 Todos os namorados estão de mãos entrelaçadas  
 Todos os maridos estão funcionando regularmente  
 Todas as mulheres estão atentas  
 Porque hoje é sábado.

## II

Neste momento há um casamento  
 Porque hoje é sábado.  
 Há um divórcio e um violamento  
 Porque hoje é sábado.  
 Há um homem rico que se mata  
 Porque hoje é sábado.  
 Há um incesto e uma regata  
 Porque hoje é sábado.  
 Há um espetáculo de gala  
 Porque hoje é sábado.  
 Há uma mulher que apanha e cala  
 Porque hoje é sábado.  
 Há um renovar-se de esperanças  
 Porque hoje é sábado.  
 Há uma profunda discordância  
 Porque hoje é sábado.  
 Há um sedutor que tomba morto  
 Porque hoje é sábado.  
 Há um grande espírito de porco  
 Porque hoje é sábado.  
 Há uma mulher que vira homem  
 Porque hoje é sábado.  
 Há criancinhas que não comem  
 Porque hoje é sábado.  
 Há um piquenique de políticos  
 Porque hoje é sábado.

Há um grande acréscimo de sífilis  
 Porque hoje é sábado.  
 Há um ariano e uma mulata  
 Porque hoje é sábado.  
 Há um tensão inusitada  
 Porque hoje é sábado.  
 Há adolescências seminuas  
 Porque hoje é sábado.  
 Há um vampiro pelas ruas  
 Porque hoje é sábado.  
 Há um grande aumento no consumo  
 Porque hoje é sábado.  
 Há um noivo louco de ciúmes  
 Porque hoje é sábado.  
 Há um garden-party na cadeia  
 Porque hoje é sábado.  
 Há uma impassível lua cheia  
 Porque hoje é sábado.  
 Há damas de todas as classes  
 Porque hoje é sábado.  
 Umas difíceis, outras fáceis  
 Porque hoje é sábado.  
 Há um beber e um dar sem conta  
 Porque hoje é sábado.  
 Há uma infeliz que vai de tonta  
 Porque hoje é sábado.  
 Há um padre passeando à paisana  
 Porque hoje é sábado.  
 Há um frenesi de dar banana  
 Porque hoje é sábado.  
 Há a sensação angustiante  
 Porque hoje é sábado.  
 De uma mulher dentro de um homem  
 Porque hoje é sábado.  
 Há a comemoração fantástica  
 Porque hoje é sábado.  
 Da primeira cirurgia plástica  
 Porque hoje é sábado.  
 E dando os trâmites por findos  
 Porque hoje é sábado.  
 Há a perspectiva do domingo  
 Porque hoje é sábado.

### **O filho do homem**

O mundo parou  
 A estrela morreu  
 No fundo da treva  
 O infante nasceu.

Nasceu num estábulo

Pequeno e singelo  
Com boi e charrua  
Com foice e martelo.

Ao lado do infante  
O homem e a mulher  
Uma tal Maria  
Um José qualquer.

A noite o fez negro  
Fogo o avermelhou  
A aurora nascente  
Todo o amarelou.

O dia o fez branco  
Branco como a luz  
À falta de um nome  
Chamou-se Jesus.

Jesus pequenino  
Filho natural  
Ergue-te, menino  
É triste o Natal.

### **Poética**

De manhã escureço  
De dia tardo  
De tarde anoiteço  
De noite ardo.

A oeste a morte  
Contra quem vivo  
Do sul cativo  
O este é meu norte.

Outros que contem  
Passo por passo:  
Eu morro ontem

Nasço amanhã  
Ando onde há espaço:  
— Meu tempo é quando.

### **Mensagem à poesia**

Não posso  
Não é possível  
Digam-lhe que é totalmente impossível  
Agora não pode ser  
É impossível

Não posso.

Digam-lhe que estou tristíssimo, mas não posso ir esta noite ao seu encontro.

Contem-lhe que há milhões de corpos a enterrar

Muitas cidades a reerguer, muita pobreza pelo mundo.

Contem-lhe que há uma criança chorando em alguma parte do mundo

E as mulheres estão ficando loucas, e há legiões delas carpindo

A saudade de seus homens; contem-lhe que há um vácuo

Nos olhos dos párias, e sua magreza é extrema; contem-lhe

Que a vergonha, a desonra, o suicídio rondam os lares, e é preciso reconquistar a vida.

Façam-lhe ver que é preciso eu estar alerta, voltado para todos os caminhos

Pronto a socorrer, a amar, a mentir, a morrer se for preciso.

Ponderem-lhe, com cuidado — não a magoem... — que se não vou

Não é porque não queira: ela sabe; é porque há um herói num cárcere

Há um lavrador que foi agredido, há um poça de sangue numa praça.

Contem-lhe, bem em segredo, que eu devo estar prestes, que meus

Ombros não se devem curvar, que meus olhos não se devem

Deixar intimidar, que eu levo nas costas a desgraça dos homens

E não é o momento de parar agora; digam-lhe, no entanto

Que sofro muito, mas não posso mostrar meu sofrimento

Aos homens perplexos; digam-lhe que me foi dada

A terrível participação, e que possivelmente

Deverei enganar, fingir, falar com palavras alheias

Porque sei que há, longínqua, a claridade de uma aurora.

Se ela não compreender, oh procurem convencê-la

Desse invencível dever que é o meu; mas digam-lhe

Que, no fundo, tudo o que estou dando é dela, e que me

Dói ter de despojá-la assim, neste poema; que por outro lado

Não devo usá-la em seu mistério: a hora é de esclarecimento

Nem debruçar-me sobre mim quando a meu lado

Há fome e mentira; e um pranto de criança sozinha numa estrada

Junto a um cadáver de mãe: digam-lhe que há

Um naufrago no meio do oceano, um tirano no poder, um homem

Arrependido; digam-lhe que há uma casa vazia

Com um relógio batendo horas; digam-lhe que há um grande

Aumento de abismos na terra, há súplicas, há vociferações

Há fantasmas que me visitam de noite

E que me cumpre receber, contem a ela da minha certeza

No amanhã

Que sinto um sorriso no rosto invisível da noite

Vivo em tensão ante a expectativa do milagre; por isso

Peçam-lhe que tenha paciência, que não me chame agora

Com a sua voz de sombra; que não me faça sentir covarde

De ter de abandoná-la neste instante, em sua imensurável

Solidão, peçam-lhe, oh peçam-lhe que se cale

Por um momento, que não me chame

Porque não posso ir

Não posso ir

Não posso.  
 Mas não a traí.  
 Em meu coração  
 Vive a sua imagem pertencida, e nada direi que possa  
 Envergonhá-la.  
 A minha ausência.  
 É também um sortilégio  
 Do seu amor por mim.  
 Vivo do desejo de revê-la  
 Num mundo em paz.  
 Minha paixão de homem  
 Resta comigo; minha solidão resta comigo; minha  
 Loucura resta comigo.  
 Talvez eu deva  
 Morrer sem vê-la mais, sem sentir mais  
 O gosto de suas lágrimas, olhá-la correr  
 Livre e nua nas praias e nos céus  
 E nas ruas da minha insônia.  
 Digam-lhe que é esse  
 O meu martírio; que às vezes  
 Pesa-me sobre a cabeça o tampo da eternidade e as poderosas  
 Forças da tragédia abastecem-se sobre mim, e me impelem para a treva  
 Mas que eu devo resistir, que é preciso...  
 Mas que a amo com toda a pureza da minha passada adolescência  
 Com toda a violência das antigas horas de contemplação extática  
 Num amor cheio de renúncia.  
 Oh, peçam a ela  
 Que me perdoe, ao seu triste e inconstante amigo  
 A quem foi dado se perder de amor pelo seu semelhante  
 A quem foi dado se perder de amor por uma pequena casa  
 Por um jardim de frente, por uma menininha de vermelho  
 A quem foi dado se perder de amor pelo direito  
 De todos terem um pequena casa, um jardim de frente  
 E uma menininha de vermelho; e se perdendo  
 Ser-lhe doce perder-se...  
 Por isso convençam a ela, expliquem-lhe que é terrível  
 Peçam-lhe de joelhos que não me esqueça, que me ame  
 Que me espere, porque sou seu, apenas seu; mas que agora  
 É mais forte do que eu, não posso ir  
 Não é possível  
 Me é totalmente impossível  
 Não pode ser não  
 É impossível  
 Não posso

### **A vida vivida**

Quem sou eu senão um grande sonho obscuro em face do Sonho  
 Senão uma grande angústia obscura em face da Angústia  
 Quem sou eu senão a imponderável árvore dentro da noite imóvel  
 E cujas presas remontam ao mais triste fundo da terra?

De que venho senão da eterna caminhada de uma sombra  
 Que se destrói à presença das fortes claridades  
 Mas em cujo rastro indelével repousa a face do mistério  
 E cuja forma é prodigiosa treva informe?

Que destino é o meu senão o de assistir ao meu Destino  
 Rio que sou em busca do mar que me apavora  
 Alma que sou clamando o desfalecimento  
 Carne que sou no âmago inútil da prece?

O que é a mulher em mim senão o Túmulo  
 O branco marco da minha rota peregrina  
 Aquela em cujos braços vou caminhando para a morte  
 Mas em cujos braços somente tenho vida?

O que é o meu amor, ai de mim! senão a luz impossível  
 Senão a estrela parada num oceano de melancolia  
 O que me diz ele senão que é vã toda a palavra  
 Que não repousa no seio trágico do abismo?

O que é o meu Amor? senão o meu desejo iluminado  
 O meu infinito desejo de ser o que sou acima de mim mesmo  
 O meu eterno partir da minha vontade enorme de ficar  
 Peregrino, peregrino de um instante, peregrino de todos os instantes?

A quem respondo senão a ecos, a soluços, a lamentos  
 De vozes que morrem no fundo do meu prazer ou do meu tédio  
 A quem falo senão a multidões de símbolos errantes  
 Cujas tragédias efêmeras nenhum espírito imagina?

Qual é o meu ideal senão fazer do céu poderoso a Língua  
 Da nuvem a Palavra imortal cheia de segredo  
 E do fundo do inferno delirantemente proclamá-los  
 Em Poesia que se derrame como sol ou como chuva?

O que é o meu ideal senão o Supremo Impossível  
 Aquele que é, só ele, o meu cuidado e o meu anelo  
 O que é ele em mim senão o meu desejo de encontrá-lo  
 E o encontrando, o meu medo de não o reconhecer?

O que sou eu senão ele, o Deus em sofrimento  
 O temor imperceptível na voz portentosa do vento  
 O bater invisível de um coração no descampado...  
 O que sou eu senão Eu Mesmo em face de mim?

### **Elegia Desesperada**

#### **O Desespero da Piedade**

Meu senhor, tende piedade dos que andam de bonde  
 E sonham no longo percurso com automóveis, apartamentos...

Mas tende piedade também dos que andam de automóvel  
Quando enfrentam a cidade movediça de sonâmbulos, na direção.

Tende piedade das pequenas famílias suburbanas  
E em particular dos adolescentes que se embebedam de domingos  
Mas tende mais piedade ainda de dois elegantes que passam  
E sem saber inventam a doutrina do pão e da guilhotina.

Tende muita piedade do mocinho franzino, três cruzeiros, poeta  
Que só tem de seu as costeletas e a namorada pequenina  
Mas tende mais piedade ainda do impávido forte colosso do esporte  
E que se encaminha lutando, remando, nadando para a morte.

Tende imensa piedade dos músicos dos cafés e casas de chá  
Que são virtuosos da própria tristeza e solidão  
Mas tende piedade também dos que buscam silêncio  
E súbito se abate sobre eles uma ária da Tosca.

Não esqueçais também em vossa piedade os pobres que enriqueceram  
E para quem o suicídio ainda é a mais doce solução  
Mas tende realmente piedade dos ricos que empobreceram  
E tornam-se heróicos e à santa pobreza dão um ar de grandeza.

Tende infinita piedade dos vendedores de passarinhos  
Que em suas alminhas claras deixam a lágrima e a incompreensão  
E tende piedade também, menor embora, dos vendedores de balcão  
Que amam as freguesas e saem de noite, quem sabe onde vão...

Tende piedade dos barbeiros em geral, e dos cabeleireiros  
Que se efeminam por profissão mas que são humildes nas suas carícias  
Mas tende mais piedade ainda dos que cortam o cabelo:  
Que espera, que angústia, que indigno, meu Deus!

Tende piedade dos sapateiros e caixeiros de sapataria  
Que lembram madalenas arrependidas pedindo piedade pelos sapatos  
Mas lembrai-vos também dos que se calçam de novo  
Nada pior que um sapato apertado, Senhor Deus.

Tende piedade dos homens úteis como os dentistas  
Que sofrem de utilidade e vivem para fazer sofrer  
Mas tende mais piedade dos veterinários e práticos de farmácia  
Que muito eles gostariam de ser médicos, Senhor.

Tende piedade dos homens públicos e em particular dos políticos  
Pela sua fala fácil, olhar brilhante e segurança dos gestos de mão  
Mas tende mais piedade ainda dos seus criados, próximos e parentes  
Fazei, Senhor, com que deles não saiam políticos também.

E no longo capítulo das mulheres, Senhor, tende piedade das mulheres  
Castigai minha alma, mas tende piedade das mulheres

Enlouquecei meu espírito, mas tende piedade das mulheres  
Ulcerai minha carne, mas tende piedade das mulheres!

Tende piedade da moça feia que serve na vida  
De casa, comida e roupa lavada da moça bonita  
Mas tende mais piedade ainda da moça bonita  
Que o homem molesta - que o homem não presta, não presta, meu Deus!

Tende piedade das moças pequenas das ruas transversais  
Que de apoio na vida só têm Santa Janela da Consolação  
E sonham exaltadas nos quartos humildes  
Os olhos perdidos e o seio na mão.

Tende piedade da mulher no primeiro coito  
Onde se cria a primeira alegria da Criação  
E onde se consuma a tragédia dos anjos  
E onde a morte encontra a vida em desintegração.

Tende piedade da mulher no instante do parto  
Onde ela é como a água explodindo em convulsão  
Onde ela é como a terra vomitando cólera  
Onde ela é como a lua parindo desilusão.

Tende piedade das mulheres chamadas desquitadas  
Porque nelas se refaz misteriosamente a virgindade  
Mas tende piedade também das mulheres casadas  
Que se sacrificam e se simplificam a troco de nada.

Tende piedade, Senhor, das mulheres chamadas vagabundas  
Que são desgraçadas e são exploradas e são infecundas  
Mas que vendem barato muito instante de esquecimento  
E em paga o homem mata com a navalha, com o fogo, com o veneno.

Tende piedade, Senhor, das primeiras namoradas  
De corpo hermético e coração patético  
Que saem à rua felizes mas que sempre entram desgraçada  
Que se crêem vestidas mas que em verdade vivem nuas.

Tende piedade, Senhor, de todas as mulheres  
Que ninguém mais merece tanto amor e amizade  
Que ninguém mais deseja tanto poesia e sinceridade  
Que ninguém mais precisa tanto de alegria e serenidade.

Tende infinita piedade delas, Senhor, que são puras  
Que são crianças e são trágicas e são belas  
Que caminham ao sopro dos ventos e que pecam  
E que têm a única emoção da vida nelas.

Tende piedade delas, Senhor, que uma me disse  
Ter piedade de si mesma e de sua louca mocidade

E outra, à simples emoção do amor piedoso  
Delirava e se desfazia em gozos de amor de carne.

Tende piedade delas, Senhor, que dentro delas  
A vida fere mais fundo e mais fecundo  
E o sexo está nelas, e o mundo está nelas  
E a loucura reside nesse mundo.

Tende piedade, Senhor, das santas mulheres  
Dos meninos velhos, dos homens humilhados - sede enfim  
Piedoso com todos, que tudo merece piedade  
E se piedade vos sobrar, Senhor, tende piedade de mim

### **Da solidão**

Sequioso de escrever um poema que exprimisse a maior dor do mundo, Poe chegou, por exclusão, à idéia da morte da mulher amada. Nada lhe pareceu mais definitivamente doloroso. Assim nasceu "O corvo": o pássaro agoureiro a repetir ao homem sozinho em sua saudade a pungente litania do "nunca mais".

Será esta a maior das solidões? Realmente, o que pode existir de pior que a impossibilidade de arrancar à morte o ser amado, que fez Orfeu descer aos Infernos em busca de Eurídice e acabou por lhe calar a lira mágica? Distante, separado, prisioneiro, ainda pode aquele que ama alimentar sua paixão com o sentimento de que o objeto amado está vivo. Morto este, só lhe restam dois caminhos: o suicídio, físico ou moral, ou uma fé qualquer. E como tal fé constitui uma possibilidade - que outra coisa é a Divina comédia para Dante senão a morte de Beatriz? - cabe uma consideração também dolorosa: a solidão que a morte da mulher amada deixa não é, porquanto absoluta, a maior solidão.

Qual será maior então? Os grandes momentos de solidão, a de Jó, a de Cristo no Horto, tinham a exaltá-la uma fé. A solidão de Carlitos, naquela incrível imagem em que ele aparece na eterna esquina no final de Luzes da cidade, tinha a justificá-la o sacrifício feito pela mulher amada. Penso com mais frio n'alma na solidão dos últimos dias do pintor Toulouse-Lautrec, em seu leito de moribundo, lúcido, fechado em si mesmo, e no duro olhar de ódio que deitou ao pai, segundos antes de morrer, como a culpá-lo de o ter gerado um monstro. Penso com mais frio n'alma ainda na solidão total dos poucos minutos que terão restado ao poeta Hart Crane, quando, no auge da neurastenia, depois de se ter jogado ao mar, numa viagem de regresso do México para os Estados Unidos, viu sobre si mesmo a imensa noite do oceano imenso à sua volta, e ao longe as luzes do navio que se afastava. O que se terão dito o poeta e a eternidade nesses poucos instantes em que ele, quem sabe banhado de poesia total, boiou a esmo sobre a negra massa líquida, à espera do abandono?

Solidão inenarrável, quem sabe povoada de beleza... Mas será ela, também, a maior solidão? A solidão do poeta Rilke, quando, na alta escarpa sobre o Adriático, ouviu no vento a música do primeiro verso que desencadeou as Elegias de Duino, será ela a maior solidão?

Não, a maior solidão é a do ser que não ama. A maior solidão é a do ser que se

ausenta, que se defende, que se fecha, que se recusa a participar da vida humana. A maior solidão é a do homem encerrado em si mesmo, no absoluto de si mesmo, e que não dá a quem pede o que ele pode dar de amor, de amizade, de socorro. O maior solitário é o que tem medo de amar, o que tem medo de ferir e de ferir-se, o ser casto da mulher, do amigo, do povo, do mundo. Esse queima como uma lâmpada triste, cujo reflexo entristece também tudo em torno. Ele é a angústia do mundo que o reflete. Ele é o que se recusa às verdadeiras fontes da emoção, as que são o patrimônio de todos, e, encerrado em seu duro privilégio, semeia pedras do alto da sua fria e desolada torre.

### **A morte**

A morte vem de longe  
Do fundo dos céus  
Vem para os meus olhos  
Virá para os teus  
Desce das estrelas  
Das brancas estrelas  
As loucas estrelas  
Trânsfugas de Deus  
Chega impresentida  
Nunca inesperada  
Ela que é na vida  
A grande esperada!  
A desesperada  
Do amor fratricida  
Dos homens, ai! dos homens  
Que matam a morte  
Por medo da vida.

### **O cemitério na madrugada**

Às cinco da manhã a angústia se veste de branco  
E fica como louca, sentada, espiando o mar...  
É a hora em que se acende o fogo-fátuo da madrugada  
Sobre os mármoreos frios, frios e frios do cemitério  
E em que, embaladas pela harpa cariciosa das pescarias  
Dormem todas as crianças do mundo.

Às cinco da manhã a angústia se veste de branco  
Tudo repousa... e sem treva, morrem as últimas sombras...  
É a hora em que, libertados do horror da noite escura  
Acordam os grandes anjos da guarda dos jazigos  
E os mais serenos cristos se desençam dos madeiros  
Para lavar o rosto pálido na névoa.

Às cinco da manhã... — tão tarde soube — não fora ainda uma visão  
Não fora ainda o medo da morte em minha carne!  
Viera de longe... de um corpo lívido de amante  
Do mistério fúnebre de um êxtase esquecido  
Tinha-me perdido na cerração, tinha-me talvez perdido  
Na escuta de asas invisíveis em torno...

Mas ah, ela veio até mim, a pálida cidade dos poemas  
 Eu a vi assim gelada e hirta, na neblina!  
 Oh, não eras tu, mulher sonâmbula, tu que eu deixei  
 Banhada do orvalho estéril da minha agonia  
 Teus seios eram túmulos também, teu ventre era uma urna fria  
 Mas não havia paz em ti!

Lá tudo é sereno... Lá toda a tristeza se cobre de linho  
 Lá tudo é manso, manso como um corpo morto de mãe prematura  
 Lá brincam os serafins e as flores, bimbam os sinos  
 Em melodias tão alvas que nem se ouvem...  
 Lá gozam miríades de vermes, que às brisas matutinas  
 Voam em povos de borboletas multicolores...

Escuto-me falar sem receio; esqueço o amanhã distante  
 O vento traz perfumes inconfessáveis dos pinheiros...  
 Um dia morrerão todos, morrerão as amadas  
 E eu ficarei sozinho, para a hora dos cânticos exangues  
 Hei de colar meu ouvido impaciente às tumbas amigas  
 E ouvir meu coração batendo.

Tu trazes alegria à vida, ó Morte, deusa humílima!  
 A cada gesto meu riscas uma sombra errante na terra  
 Sobre o teu corpo em túnica, vi a farândola das rosas e dos lírios  
 E a procissão solene das virgens e das madalenas  
 Em tuas maminhas púberes vi mamarem ratos brancos  
 Que brotavam como flores dos cadáveres contentes.

Que pudor te toma agora, poeta, lírico ardente  
 Que desespero em ti diz da irrealidade das manhãs?  
 A Morte vive em teu ser... — não, não é uma visão de bruma  
 Não é o despertar angustiado após o martírio do amor  
 É a Poesia... — e tu, homem simples, és um fanático arquiteto  
 Ergues a beleza da morte em ti!

Oh, cemitério da madrugada, por que és tão alegre  
 Por que não gemem ciprestes nos teus túmulos?  
 Por que te perfumas tanto em teus jasmims  
 E tão docemente cantas em teus pássaros?  
 És tu que me chamas, ou sou eu que vou a ti  
 Criança, brincar também pelos teus parques?

Por ti, fui triste; hoje, sou alegre por ti, ó morte amiga  
 Do teu espectro familiar vi se erguer a única estrela do céu  
 Meu silêncio é o teu silêncio — ele não traz angústia  
 É assim como a ave perdida no meio do mar...

.....  
 Serenidade, leva-me! guarda-me no seio de uma madrugada eterna!

### **Morte natural**

Nós costumamos ligar a idéia de morte natural apenas ao homem, como se as plantas e os animais não morressem naturalmente. E mesmo nas plantas e animais, só nos lembramos disso quando sua morte vem ligada a alguma noção peculiar, gênero morte de elefante que, diz-se, ao se sentir morrer caminha léguas em demanda do cemitério de seus congêneres, onde deita o vasto corpo entre as carcaças familiares e desobjetiva em boas condições.

Só raramente nos lembramos que bichos pequenos também morrem de morte natural. Quando por acaso encontramos sobre uma mesa, ou no chão, uma mosca, hirta, nunca nos vem a idéia de que ela faleceu dentro das regras: isso porque para todo mundo a mosca é um inseto que não morre - é morto. E assim para a grande maioria dos bichinhos. Quem é que vai se lembrar de que uma joaninha pode morrer, ou um mosquitinho, ou uma baratinha de praia, ou uma pulga, ou uma minhoca? São bichos de tal modo submissos aos azares da morte violenta, de tal modo sujeitos a serem comidos por um outro bicho, pisados, batidos, espremidos, dedetizados, que acabam, no consenso do homem, sem direito a morte própria. Daí o espanto que se tem ao ver o raro espetáculo de uma mosca moribunda agitando as patinhas nas vascas da agonia.

Onde será que ficam as centenas de milhares de cadáveres de dípteros, coleópteros, lepidópteros - toda a legião de invertebrados que deve viver morrendo por aí? É curioso como quase não se vêem bichinhos mortos, quando eles morrem às pamparras; sim, porque há muitos que vivem horas apenas... Onde ficam as borboletas mortas que eu não as vejo em lugar nenhum, nem mesmo nas matas? Aliás, onde estão as borboletas, que desapareceram dos jardins e parques, que não agitam mais suas asinhas coloridas em torno dos pés de manacá ou por entre o capim alto dos terrenos baldios da cidade? Será que não concordam com o mau-gosto dos objetos feitos com suas asas e em sinal de protesto contra a estultícia do turista consumidor suicidaram-se em massa atirando-se ao mar? De fato, não há mais borboletas. A última que vi era uma grande borboleta amarela num livro de crônicas de Rubem Braga...

Um dia, passeando nos terrenos de um castelo inglês cerca de Oxford - era uma tarde dourada de folhas de outono - ouvi no ar um estranho grito, um som agudo e horrível, entre espasmo e canto. Olhei para cima e vi um passarinho cumprir, num derradeiro estertor de vida, sua última parábola ascendente. Ele subiu até onde pôde e depois caiu a prumo, quase aos meus pés. Peguei-o. Suas plumas foram ainda por algum tempo doces e quentes na minha mão em concha.

### **Balada da moça do Miramar**

Silêncio da madrugada  
No Edifício Miramar...  
Sentada em frente à janela  
Nua, morta, deslumbrada  
Uma moça mira o mar.

Ninguém sabe quem é ela  
Nem ninguém há de saber

Deixou a porta trancada  
 Faz bem uns dois cinco dias  
 Já começa a apodrecer  
 Seus ambos joelhos de âmbar  
 Furam-lhe o branco da pele  
 E a grande flor do seu corpo  
 Destila um fétido mel.

Mantém-se extática em face  
 Da aurora em elaboração  
 Embora formigas pretas  
 Que lhe entram pelos ouvidos  
 Se escapem por umas gretas  
 Do lado do coração.  
 Em volta é segredo: e móveis  
 Imóveis na solidão...  
 Mas apesar da necrose  
 Que lhe corrói o nariz  
 A moça está tão sem pose  
 Numa ilusão tão serena  
 Que, certo, morreu feliz.

A vida que está na morte  
 Os dedos já lhe comeu  
 Só lhe resta um aro de ouro  
 Que a morte em vida lhe deu  
 Mas seu cabelo de ouro  
 Rebrilha com tanta luz  
 Que a sua caveira é bela  
 E belo é seu ventre louro  
 E seus pelinhos azuis.

De noite é a lua quem ama  
 A moça do Miramar  
 Enquanto o mar tece a trama  
 Desse conúbio lunar  
 Depois é o sol violento  
 O sol batido de vento  
 Que vem com furor violeta  
 A moça violentar.

Muitos dias se passaram  
 Muitos dias passarão  
 À noite segue-se o dia  
 E assim os dias se vão  
 E enquanto os dias se passam  
 Trazendo a putrefação  
 À noite coisas se passam...  
 A moça e a lua se enlaçam  
 Ambas mortas de paixão.

Ah, morte do amor do mundo  
 Ah, vida feita de dar  
 Ah, sonhos sempre nascendo  
 Ah, sonhos sempre a acabar  
 Ah, flores que estão crescendo  
 Do fundo da podridão  
 Ah, vermes, morte vivendo  
 Nas flores ainda em botão  
 Ah, sonhos, ah, desesperos  
 Ah, desespero de amar  
 Ah, vida sempre morrendo  
 Ah, moça do Miramar!

### **Elegia na morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, poeta e Cidadão**

A morte chegou pelo interurbano em longas espirais metálicas.  
 Era de madrugada. Ouvi a voz de minha mãe, viúva.  
 De repente não tinha pai.  
 No escuro de minha casa em Los Angeles procurei recompor tua lembrança  
 Depois de tanta ausência. Fragmentos da infância  
 Boiaram do mar de minhas lágrimas. Vi-me eu menino  
 Correndo ao teu encontro. Na ilha noturna  
 Tinham-se apenas acendido os lampiões a gás, e a clarineta  
 De Augusto geralmente procrastinava a tarde.  
 Era belo esperar-te, cidadão. O bondinho  
 Rangia nos trilhos a muitas praias de distância  
 Dizíamos: “E-vem meu pai!”. Quando a curva  
 Se acendia de luzes semoventes, ah, corríamos  
 Corríamos ao teu encontro. A grande coisa era chegar antes  
 Mas ser marraio em teus braços, sentir por último  
 Os doces espinhos da tua barba.  
 Trazias de então uma expressão indizível de fidelidade e paciência  
 Teu rosto tinha os sulcos fundamentais da doçura  
 De quem se deixou ser. Teus ombros possantes  
 Se curvavam como ao peso da enorme poesia  
 Que não realizaste. O barbante cortava teus dedos  
 Pesados de mil embrulhos: carne, pão, utensílios  
 Para o cotidiano (e frequentemente o binóculo  
 Que vivias comprando e com que te deixavas horas inteiras  
 Mirando o mar). Dize-me, meu pai  
 Que viste tantos anos através do teu óculo-de-alcance  
 Que nunca revelaste a ninguém?  
 Vencias o percurso entre a amendoeira e a casa como o atleta exausto no último  
 lance da maratona.  
 Te grimpávamos. Eras penca de filho. Jamais  
 Uma palavra dura, um rosar paterno. Entravas a casa humilde  
 A um gesto do mar. A noite se fechava  
 Sobre o grupo familiar como uma grande porta espessa.

\*

Muitas vezes te vi desejar. Desejavas. Deixavas-te olhando o mar  
 Com mirada de argonauta. Teus pequenos olhos feios  
 Buscavam ilhas, outras ilhas... — as imaculadas, inacessíveis  
 Ilhas do Tesouro. Querias. Querias um dia aportar  
 E trazer — depositar aos pés da amada as joias fulgurantes  
 Do teu amor. Sim, foste descobridor, e entre eles  
 Dos mais proventos. Muitas vezes te vi, comandante  
 Comandar, batido de ventos, perdido na fosforescência  
 De vastos e noturnos oceanos  
 Sem jamais.

Deste-nos pobreza e amor. A mim me deste  
 A suprema pobreza: o dom da poesia, e a capacidade de amar  
 Em silêncio. Foste um pobre. Mendigavas nosso amor  
 Em silêncio. Foste um no lado esquerdo. Mas  
 Teu amor inventou. Financiaste uma lancha  
 Movida a água: foi reta para o fundo.  
 Partiste um dia  
 Para um brasil além, garimpeiro, sem medo e sem mácula.  
 Doze luas voltaste. Tua primogênita — diz-se —  
 Não te reconheceu. Trazias grandes barbas e pequenas águas-marinhas.  
 Não eram, meu pai. A mim me deste  
 Águas-marinhas grandes, povoadas de estrelas, ouriços  
 E guaiamus gigantes. A mim me deste águas-marinhas  
 Onde cada concha carregava uma pérola. As águas-marinhas que me deste  
 Foram meu primeiro leito nupcial.

\*

Eras, meu pai morto  
 Um grande Clodoaldo  
 Capaz de sonhar  
 Melhor e mais alto  
 Precursor do binômio  
 Que reverteria  
 Ao nome original  
 Semente do sêmen  
 Revolucionário  
 Gentil-homem insigne  
 Poeta e funcionário  
 Sempre preterido  
 Nunca titular  
 Neto de Alexandre  
 Filho de Maria  
 Cônjuge de Lydia  
 Pai da Poesia.

\*

Diante de ti homem não sou, não quero ser. És pai do menino que eu fui.  
 Entre minha barba viva e a tua morta, todavia crescendo  
 Há um toque irrealizado. No entanto, meu pai  
 Quantas vezes ao ver-te dormir na cadeira de balanço de muitas salas  
 De muitas casas de muitas ruas  
 Não te beijei em meu pensamento! Já então teu sono  
 Prenunciava o morto que és, e minha angústia  
 Buscava ressuscitar-te. Ressuscitavas. Teu olhar  
 Vinha de longe, das cavernas imensas do teu amor, aflito  
 Como a querer defender. Vias-me e sossegavas.  
 Pouco nos dizíamos: “Como vai?”. Como vais, meu pobre pai  
 No teu túmulo? Dormes, ou te deixas  
 A contemplar acima — eu bem me lembro! — perdido  
 Na decifração de como ser?  
 Ah, dor! Como quisera  
 Ser de novo criança em teus braços e ficar admirando tuas mãos!  
 Como quisera escutar-te de novo cantar criando em mim  
 A atonia do passado! Quantas baladas, meu pai  
 E que lindas! Quem te ensinou as doces cantigas  
 Com que embalavas meu dormir? Voga sempre o leve batel  
 A resvalar macio pelas correntezas do rio da paixão?  
 Prosseguem as donzelas em êxtase na noite à espera da barquinha  
 Que busca o seu adeus? E continua a rosa a dizer à brisa  
 Que já não mais precisa os beijos seus?  
 Calaste-te, meu pai. No teu ergástulo  
 A voz não é — a voz com que me apresentavas aos teus amigos:  
 “Esse é meu filho FULANO DE TAL”. E na maneira  
 De dizê-lo — o voo, o beijo, a bênção, a barba  
 Dura rocejando a pele, ai!

\*

Tua morte, como todas, foi simples.  
 É coisa simples a morte. Dói, depois sossega. Quando sossegou —  
 Lembro-me que a manhã raiava em minha casa — já te havia eu  
 Recuperado totalmente: tal como te encontras agora, vestido de mim.  
 Não és, como não serás nunca para mim  
 Um cadáver sob um lençol.  
 És para mim aquele de quem muitos diziam: “É um poeta...”  
 Poeta foste, e és, meu pai. A mim me deste  
 O primeiro verso à namorada. Furtei-o  
 De entre teus papéis: quem sabe onde andará... Fui também  
 Verso teu: lembro ainda hoje o soneto que escreveste celebrando-me  
 No ventre materno. E depois, muitas vezes  
 Vi-te na rua, sem que me notasses, transeunte  
 Com um ar sempre mais ansioso do que a vida. Levava-te a ambição  
 De descobrir algo precioso que nos dar.  
 Por tudo o que não nos deste  
 Obrigado, meu pai.  
 Não te direi adeus, de vez que acordaste em mim

Com uma exatidão nunca sonhada. Em mim geraste  
 O Tempo: aí tens meu filho, e a certeza  
 De que, ainda obscura, a minha morte dá-lhe vida  
 Em prosseguimento à tua; aí tens meu filho  
 E a certeza de que lutarei por ele. Quando o viste a última vez  
 Era um menininho de três anos. Hoje cresceu  
 Em membros, palavras e dentes. Diz de ti, bilíngue:  
 “Vovô was always teasing me...”  
 É meu filho, teu neto. Deste-lhe, em tua digna humildade  
 Um caminho: o meu caminho. Marcha ela na vanguarda do futuro  
 Para um mundo em paz: o teu mundo — o único em que soubeste viver;  
 aquele que, entre lágrimas, cantos e martírios, realizaste à tua volta.

### **Balanço do filho morto**

Homem sentado na cadeira de balanço  
 Sentado na cadeira de balanço  
 Na cadeira de balanço  
 De balanço  
 Balanço do filho morto.

Homem sentado na cadeira de balanço  
 Todo o teu corpo diz que sim  
 Teu corpo diz que sim  
 Diz que sim  
 Que sim, teu filho está morto.

Homem sentado na cadeira de balanço  
 Como um pêndulo, para lá e para cá  
 O pescoço fraco, a perna triste  
 Os olhos cheios de areia  
 Areia do filho morto.

Nada restituirá teu filho à vida  
 Homem sentado na cadeira de balanço  
 Tua meia caída, tua gravata  
 Sem nó, tua barba grande  
 São a morte  
     são a morte  
 A morte do filho morto.

Silêncio de uma sala: e flores murchas.  
 Além um pranto frágil de mulher  
 Um pranto... o olhar aberto sobre o vácuo  
 E no silêncio a sensação exata  
 Da voz, do riso, do reclamo débil.  
 Da órbita cega os olhos dolorosos  
 Fogem, moles, se arrastam como lesmas  
 Empós a doce, inexistente marca  
 Do vômito, da queda, da mijada.

Do braço foge a tresloucada mão  
 Para afagar a imponderável luz  
 De um cabelo sem som e sem perfume.  
 Fogem da boca lábios pressurosos  
 Para o beijo incolor na pele ausente.  
 Nascem ondas de amor que se desfazem  
 De encontro à mesa, à estante, à pedra mármore.  
 Outra coisa não há senão o silêncio  
 Onde com pés de gelo uma criança  
 Brinca, perfeitamente transparente  
 Sua carne de leite, rosa e talco.  
 Pobre pai, pobre, pobre, pobre, pobre  
 Sem memória, sem músculo, sem nada  
 Além de uma cadeira de balanço  
 No infinito vazio... o sofrimento  
 Amordaçou-te a boca de amargura  
 E esbofeteou-te palidez na cara.  
 Ergues nos braços uma imagem pura  
 E não teu filho; jogas para cima  
 Um bocado de espaço e não teu filho  
 Não são cachos que sopras, porém cinzas  
 A asfixiar o ar onde respiras.  
 Teu filho é morto; talvez fosse um dia  
 A pomba predileta, a glória, a messe  
 O teu porvir de pai; mas novo e tenro  
 Anjo, levou-o a morte com cuidado  
 De vê-lo tão pequeno e já exausto  
 De penar — e eis que agora tudo é morte  
 Em ti, não tens mais lágrimas, e amargo  
 É o cuspo do cigarro em tua boca.  
 Mas deixa que eu te diga, homem temente  
 Sentado na cadeira de balanço  
 Eu que moro no abismo, eu que conheço  
 O interior da entranha das mulheres  
 Eu que me deito à noite com os cadáveres  
 E liberto as auroras do meu peito:  
 Teu filho não morreu! a fé te salva  
 Para a contemplação da sua face  
 Hoje tornada a pequenina estrela  
 Da tarde, a jovem árvore que cresce  
 Em tua mão: teu filho não morreu!  
 Uma eterna criança está nascendo  
 Da esperança de um mundo em liberdade.  
 Serão teus filhos, todos, homem justo  
 Iguais ao filho teu; tira a gravata  
 Limpa a unha suja, ergue-te, faz a barba  
 Vai consolar tua mulher que chora...  
 E que a cadeira de balanço fique  
 Na sala, agora viva, balançando  
 O balanço final do filho morto.

**A última viagem de Jayme Ovalle**

A última viagem de Jayme Ovalle

Ovalle não queria a Morte  
Mas era dele tão querida  
Que o amor da Morte foi mais forte  
Que o amor do Ovalle à vida.

E foi assim que a Morte, um dia  
Levou-o em bela carruagem  
A viajar - ah, que alegria!  
Ovalle sempre adora viagem!

Foram por montes e por vales  
E tanto a Morte se aprazia  
Que fosse o mundo só de Ovalles  
E nunca mais ninguém morria.

A cada vez que a Morte, a sério  
Com cicerônica prestante  
Mostrava a Ovalle um cemitério  
Ele apontava uma criança.

A Morte, em Londres e Paris  
Levou-o à forca e à guilhotina  
Porém em Roma, Ovalle quis  
Tomar a sua canjebrina.

Mostrou-lhe a Morte as catacumbas  
E suas ósseas prateleiras  
Mas riu-se muito, tais zabumbas  
Fazia Ovalle nas caveiras.

Mais tarde, Ovalle satisfeito  
Declara à Morte, ambos de porre:  
- Quero enterrar-me, que é um direito  
Inalienável de quem morre!

Custou-lhe esforço sobre-humano  
Chegar à última morada  
De vez que a Morte, a todo pano  
Queria dar uma esticada.

Diz o guardião do campo-santo  
Que, noite alta, ainda se ouvia  
À voz da Morte, um tanto ou quanto  
Que ria, ria, ria, ria...

Jayme Ovalle (Belém, PA, 1894 - Rio de Janeiro, RJ, 1955) foi músico e compositor. Em 1914, fixou residência no Rio de Janeiro e passou a frequentar a noite boêmia, tornando-se companheiro de bambas como Sinhô e Pixinguinha. Adiante, aproximou-se da música erudita, porém, como Villa-Lobos, seu amigo, utilizou temas religiosos e folclóricos em suas mais famosas composições: Berimbau, Três pontos de Santo, Chariô, Aruanda e Estrela do Mar. A notoriedade veio com Azulão, melodia a qual Manuel Bandeira juntou seus versos. Era querido por escritores, pintores e músicos.

Assim Vinicus de Moraes definiu o amigo Ovalle: "é o poeta em estado virgem. A mais bela crisálida de poesia que jamais existiu desde William Blake. É o mistério poético em toda a sua inocência, em toda a sua beleza natural. É vôo, é transcendência absoluta. É amor em estado de graça." (apud SABINO, Fernando, "Fragmentos de uma suíte ovaliana". Jornal do Brasil, 15.07.1974.)

### **Poema para Candinho Portinari em sua morte cheia de azuis e rosas**

Petrópolis

Lá vai Candinho!

Pra onde ele vai?

Vai pra Brodóvski

Buscar seu pai.

Lá vai Candinho!

Pra onde ele foi?

Foi pra Brodóvski

Juntar seu boi.

Lá vai Candinho!

Com seu topete!

Vai pra Brodóvski

Pintar o sete.

Lá vai Candinho

Tirando rima

Vai manquitando

Ladeira acima.

Eh! Eh, Candinho!

Muita saudade

Para Zé Cláudio

Mário de Andrade.

Se vir Ovalle

Se vir Zé Lins

Fale, Candinho

Que eu sou feliz.

Ouviu, Candinho?

- Diabo de homem mais surdo...

## Morrer num bar

Na morte de Antonio Maria

Aí está, meu Maria... Acabou. Acabou o seu eterno sofrimento e acabou o meu sofrimento por sua causa. Na madrugada de 15 de outubro em que, em frente aos pinheirais destas montanhas queridas, eu me sento à máquina para lhe dar este até-sempre, seu imenso coração, que a vida e a incontidência já haviam uma vez rompido de dentro, como uma flor de sangue, não resistiu mais à sua grande e suicida vocação para morrer.

Acabou, meu Maria. Você pode descansar em sua terra, sem mais amores e sem mais saudades, despojado do fardo de sua carne e bem aconchegado no seu sono. Acabou o desespero com que você tomava conta de tudo o que amava demais: o crescimento harmonioso de seus filhos, o bem-estar de suas mulheres e a terrível sobrevivência de um poeta que foi o seu melhor personagem e o seu maior amigo. Acabou a sua sede, a sua fome, a sua cólera. Acabou a sua dieta. Aqui, parado em frente a estas montanhas onde, há trinta anos atrás, descobri maravilhado que eu tinha uma voz para o canto mais alto da poesia, e para onde, neste mesmo hoje, você deveria chamar porque (dizia o recado) não agüentava mais de saudades - aprendo, sem galicismo e sem espanto, a sua morte. Quando a caseira subiu a alegre ladeirinha que traz ao meu chalé para me chamar ao telefone - eram nove da manhã - eu me vesti rápido dizendo comigo mesmo: "É o Maria!" E ao descer correndo para a pensão fazia planos: "Porei o Maria no quarto de solteiro ao lado, de modo a podermos bater grandes papos e rir muito, como gostamos..." E ainda a caminho fiquei pensando: "Será que Itatiaia não é muito alto para o coração dele?..." Mas você, há uma semana - quando pela primeira e última vez estivemos juntos depois de minha chegada da Europa, numa noite de alma aberta - me tinha tranqüilizado tanto que eu achei melhor não me preocupar. Eu sabia que seu peito ia explodir um dia, meu Maria, pois por mais forte e largo que fosse, a morte era o seu guia.

Outra noite, pelo telefone, ao perguntar eu se você estava cuidando de sua saúde, você me interpelou: "Você tem medo de morrer, Poesia?" "Medo normal, meu Maria", respondi. "Pois olhe: eu não tenho nenhum" retorquiu você sem qualquer bravata na voz. "Só queria que não doesse demais, como na primeira crise. Aquela dor, Poesia, desmoraliza."

Mas como eu descesse - dizia - para atender à sua chamada, e atravessasse o salão da casa-grande, e entrando na cabine ouvisse (como há 14 anos atrás ouvi a voz materna) a voz paternal de meu sogro que me falava, preparando-me: "Você sabe, Antônio Maria está muito mal...": e eu instantaneamente soubesse... - justo como naquela época soube também, quando a voz materna, em sinistras espirais metálicas, me disse do Rio para Los Angeles: "Sabe, meu filho, seu pai está muito mal...", o nosso encontro marcado deu-se numa dimensão nova, entre o mundo e a eternidade: eu aqui; você... onde, meu Maria? - onde?

Ah, que dor! Agora correm-me as lágrimas, e eu choro embaçando a vista do teclado onde escrevo estas palavras que nem sei o que querem dizer...

Há uma semana apenas conversamos tanto, não é, meu Maria? Você ainda não conhecia minha mulher, foi tão carinhoso com ela... Tomamos uma garrafa de Five Stars no Château, depois fomos até o Jirau e terminamos no Bossa Nova. Eu ainda disse: "Você pode estar bebendo e comendo desse jeito?" "Por que, Poesia? Não há de ser nada... Qualquer dia eu vou morrer é assim mesmo, num bar..."

Eu só espero que não tenha doído muito, meu Maria. Que tenha sido como eu sempre desejei que fosse: rápido e sem som. Mas é uma pena enorme. Você tinha prometido à minha mulher, a pedido dela, que recomeçaria hoje, nesta quinta-feira do seu recesso, no seu "Jornal de Antônio Maria" o seu "Romance dos pequenos anúncios", que foi uma de suas melhores invenções jornalísticas e onde eu era personagem cotidiano: você sempre a querer fazer de mim, meu pobre Maria, o herói que eu não sou...

Mas por outro lado, sei lá... Você disse nessa noite, à minha mulher e a mim, que nem podia pensar na idéia de sobreviver às pessoas que mais amava no mundo: sua mãe, seus dois filhos, suas irmãs e este seu poeta. "E Rubem Braga...", acrescentou você depois, brincando com ternura, "Eu não queria estar aí para ler quanta besteira se ia escrever sobre o Braguinha..."

Não irei ao seu enterro, meu Maria. Daria tudo para ter estado ao seu lado na hora, para lhe dar a mão e recolher seu último olhar de desespero, de maldição para esta vida a que você nunca negou nada e o fez sofrer tanto. Daqui a pouco o sino da casa-grande tocará para o almoço. Verei minha mulher descer, triste de eu lhe ter dito (porque ela dorme ainda, meu Maria...) e de me deixar assim sozinho, sentado à máquina de escrever, com a sua morte enorme dentro de mim.

## ANEXO II

### Letras das canções da peça Orfeu da Conceição

– Overture – instrumental de abertura

– Monólogo de Orfeu

*Vinicius de Moraes*

Mulher mais adorada!  
 Agora que não estás,  
 deixa que rompa o meu peito em soluços  
 Te enrustiste em minha vida,  
 e cada hora que passa  
 É mais por que te amar  
 a hora derrama o seu óleo de amor em mim, amada.  
 E sabes de uma coisa?  
 Cada vez que o sofrimento vem,  
 essa vontade de estar perto, se longe  
 ou estar mais perto se perto  
 Que é que eu sei?  
 Este sentir-se fraco,  
 o peito extravasado  
 o mel correndo,  
 essa incapacidade de me sentir mais eu, Orfeu;  
 Tudo isso que é bem capaz  
 de confundir o espírito de um homem.  
 Nada disso tem importância  
 Quando tu chegas com essa charla antiga,  
 esse contentamento, esse corpo  
 E me dizes essas coisas  
 que me dão essa força, esse orgulho de rei.  
 Ah, minha Eurídice  
 Meu verso, meu silêncio, minha música.  
 Nunca fujas de mim.  
 Sem ti, sou nada.  
 Sou coisa sem razão, jogada, sou pedra rolada.  
 Orfeu menos Eurídice: coisa incompreensível!  
 A existência sem ti é como olhar para um relógio  
 Só com o ponteiro dos minutos.  
 Tu és a hora, és o que dá sentido  
 E direção ao tempo,  
 minha amiga mais querida!  
 Qual mãe, qual pai, qual nada!  
 A beleza da vida és tu, amada  
 Milhões amada! Ah! Criatura!  
 Quem poderia pensar que Orfeu,  
 Orfeu cujo violão é a vida da cidade  
 E cuja fala, como o vento à flor  
 Despetala as mulheres -  
 que ele, Orfeu,  
 Ficasse assim rendido aos teus encantos?

Mulata, pele escura, dente branco  
 Vai teu caminho  
 que eu vou te seguindo no pensamento  
 e aqui me deixo rente quando voltares,  
 pela lua cheia  
 Para os braços sem fim do teu amigo  
 Vai tua vida, pássaro contente  
 Vai tua vida que estarei contigo.

– **Um Nome de Mulher**

*Vinícius de Moraes*

Um nome de mulher  
 Um nome só e nada mais  
 E um homem que se preza  
 Em prantos se desfaz  
 E faz o que não quer  
 E perde a paz  
 Eu, por exemplo, não sabia, ai,  
 O que era amar  
 Depois você me apareceu  
 E lá fui eu  
 E ainda vou mais

– **Se Todos Fossem Iguais a Você**

*Vinícius de Moraes*

Vai tua vida,  
 Teu caminho é de paz e amor  
 Vai tua vida é uma linda canção de amor  
 Abre os teus braços  
 E canta a última esperança  
 A esperança divina de amar em paz  
 Se todos fossem iguais a você  
 Que maravilha viver  
 Uma canção pelo ar,  
 Uma mulher a cantar  
 Uma cidade a cantar,  
 A sorrir, a cantar, a pedir  
 A beleza de amar  
 Como o sol,  
 Como a flor,  
 Como a luz  
 Amar sem mentir,  
 Nem sofrer  
 Existiria verdade,  
 Verdade que ninguém vê  
 Se todos fossem no mundo iguais a você

– **Mulher, Sempre Mulher**

*Vinicius de Moraes*

Mulher, ai, ai, mulher  
 Sempre mulher  
 Dê no que der  
 Você me abraça, me beija, me xinga  
 Me bota mandinga  
 Depois faz a briga  
 Só pra ver quebrar  
 Mulher, seja leal  
 Você bota muita banca  
 Infelizmente eu não sou jornal  
 Mulher, martírio meu  
 O nosso amor  
 Deu no que deu  
 E sendo assim, não insista  
 Desista, vá fazendo a pista  
 Chore um bocadinho  
 E se esqueça de mim

– **Eu e o Meu Amor**

*Vinicius de Moraes*

Eu e o meu amor  
 E o meu amor  
 Que foi-se embora  
 Me deixando tanta dor  
 Tanta tristeza  
 No meu pobre coração  
 Que até jurou  
 Não me deixar  
 E foi-se embora  
 Para nunca mais voltar

– **Lamento No Morro**

*Vinicius de Moraes*

Não posso esquecer  
 O teu olhar  
 Longe dos olhos meus

Ai, o meu viver  
 É de esperar  
 Pra te dizer adeus

Mulher amada  
 Destino meu  
 É madrugada  
 Sereno dos meus olhos já correu